

Sayad acerta créditos com o Banco Mundial

O ministro do Planejamento, João Sayad, fechou ontem o novo acordo do Brasil com o Banco Mundial (BIRD), em Nova York. O Brasil receberá no ano fiscal de 1985/86 US\$ 1,5 bilhão e no ano fiscal de 1986/87 mais US\$ 2 bilhões.

Foi assinado também um acordo de empréstimo para o programa de recuperação do setor elétrico, no valor de US\$ 1,2 bilhão. Desse dinheiro, US\$ 400 milhões virão do empréstimo do BIRD; os US\$ 800 milhões restantes serão cofinanciados pelos bancos comerciais. Sayad, até ontem à tarde, ainda negociava com esses bancos os termos desse cofinanciamento.

Segundo Sayad, a importância do financiamento do programa elétrico foi de que agora o BIRD está emprestando dinheiro para algo de finalidade diferente dos empréstimos anteriores. O programa apresentado aos bancos apresenta dois pontos básicos: necessidade de saneamento financeiro das empresas do setor elétrico e aplicação dos recursos na produção e distribuição de energia. Sayad acredita que esse acordo poderá ser estendido também a outras áreas; já há negociação, por exemplo, para financiamentos ao setor siderúrgico.



João Sayad

Na entrevista a jornalistas, ontem, Sayad afirmou que reconhece no Plano Baker um ponto positivo, que é a obtenção de recursos novos, mas afirmou que a proposta do Plano está aquém das necessidades do País.

O programa econômico do governo não visa atender aos requisitos do Plano Baker, afirmou Sayad, negando o que lhe fora sugerido pelos jornalistas. Outro fator a pesar, segundo ele, é que o Plano Baker ainda não é plenamente conhecido.

Da mesma forma, Sayad foi categórico ao explicar que o programa econômico do governo não procura

atender às exigências do Fundo Monetário Internacional (FMI) nem foi transmitido ao órgão para que fosse aprovado. O Brasil não tem intenção de concluir o acordo de renegociação da dívida externa com a sua supervisão. Para Sayad, o programa econômico é o que foi aprovado pelo Congresso, e não mudará. O que ocorre, apenas, é que os bancos comerciais ainda esperam a avaliação do FMI e do BIRD sobre o programa econômico para concluir as negociações. Segundo ele, os dados enviados ao FMI são suficientes para permitir uma avaliação.

Sayad demonstrou satisfação com o resultado do acordo. Agora, segundo ele, serão pleiteados um novo acordo pelo prazo de dois anos e a redução das taxas de spread abaixo de 1%.

Sayad ainda negou, enfaticamente, a possibilidade da aplicação de um choque heterodoxo no Brasil, como acontece com a Argentina. E comentou que neste ano o Natal será melhor para os brasileiros, como se vê pelo desempenho das vendas do comércio — e ressaltou que será bom também para os Estados Unidos, que receberão neste ano cerca de US\$ 12 bilhões do Brasil, como pagamento de juros.